

Português como segunda língua entre os índios Timbira: elementos dificultadores na aquisição verbal

(Portuguese as a second language among Timbira indians:
difficult elements in verbal acquisition)

Juliana Chaves Souza¹, Rosane de Sá Amado²

^{1,2} Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)

juliana.souza@usp.br¹, ro.amado@gmail.com²

Abstract: This article is part of the study area on Portuguese for Speakers of Other Languages, specifically for indigenous people. The aim is to analyze the difficulties in the acquisition of verbal inflection of Portuguese by timbira speakers, Jê family, Macro-Jê stock. It was possible to verify the interference of L1 in L2 acquisition as well as the interaction between morphology and syntax in the *corpus*, by reading and analyzing texts produced by timbira students.

Keywords: Portuguese; second language acquisition; morphology; writing.

Resumo: Este artigo insere-se na área de estudos do Português para Falantes de Outras Línguas, mais especificamente para povos indígenas. O objetivo é analisar as dificuldades na aquisição da flexão verbal do Português por falantes da etnia timbira, família Jê, tronco Macro-jê. Por meio da leitura e da análise de redações produzidas por alunos timbira, foi possível verificar a interferência de L1 na aquisição de L2, bem como a interação entre a morfologia e a sintaxe presente no *corpus* deste trabalho.

Palavras-chave: português; aquisição de segunda língua; morfologia; escrita.

Introdução

Os povos Timbira, originários da família Jê, ocupam atualmente territórios descontínuos em três estados: sul do Maranhão – krinkati, gavião-pykobjê, krenjê, canela-ramkokamekrá e canela-apãniekrá; norte do Tocantins – krahô, a leste do rio Tocantins, e apinajê, a oeste do mesmo rio; sul do Pará – gavião-parkatejê.

A nomenclatura Timbira faz referência às tradições culturais que esses povos compartilham, caracterizada, por exemplo, pela corrida de toras (NIMUENDAJU, 2001) e por serem detentores de dialetos compreensíveis entre as diferentes etnias.

No ano de 2003, após dez anos de trabalhos do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) com assessoria do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, representantes dos oito povos Timbira estabeleceram uma grafia uniformizada para a língua Timbira, contemplando-se suas variantes (cf. AMADO, 2005a). A necessidade de tal grafia não fora somente uma razão técnica e, obviamente, fora orientada por questões socioculturais e políticas. Entretanto, o objetivo de maior importância era que tal instrumento pudesse orientar materiais didáticos que contribuíssem na alfabetização indígena (ALVES, 2004), pois os Timbira compartilham de dialetos de uma mesma língua e, entre eles, alguns povos como os pykobjê e os krinkati já detinham o conhecimento da técnica da escrita, advinda da presença de missionários em suas terras há algumas décadas. Dessa forma, a escrita uniformizada representou mais um instrumento de

fortalecimento da unidade entre os povos Timbira e, nos dias atuais, está em fase de desenvolvimento.

Em contrapartida, o Português é falado como segunda língua na comunicação com os não-índios e é aprendido na idade de cinco a seis anos, quando as crianças começam a frequentar a escola, sediada dentro das aldeias. Na maioria das aldeias, as escolas abrangem apenas as quatro primeiras séries do fundamental e o ensino é ministrado principalmente por professores da própria comunidade, formados em cursos de magistério do estado do Maranhão e em cursos organizados pelo CTI, em parceria com a FUNAI. Mas também há professores não-índios, que são, em sua grande parte, os responsáveis por ensinar o português. Consequentemente, questões relacionadas ao ensino do Português como L2 nessas aldeias são de fundamental importância, pois muitos desses professores desconhecem o fato de que há uma língua e uma cultura completamente distintas imbuídas nas crianças indígenas e que, portanto, não se pode ensinar Português como L1 para elas.

Ladeira (1999) já nos atenta para a necessidade de um ensino diferenciado nas aldeias que englobe o conhecimento tradicional e, ao mesmo tempo, trate das questões culturais e étnicas dos grupos indígenas

Respeitar as características culturais e ter a possibilidade de uma escola diferenciada, como garante a Constituição, não é simplesmente fazer uma adaptação empobrecida das escolas da cidade, é pensar novos rumos, é descobrir uma nova cara para estas escolas, dando a ela a sua condição de indígena, de diferenciada. (LADEIRA, 1999, p.12)

Aquisição dos tempos verbais do Português

Embora sejam falantes de Português como segunda língua (PL2), com nível de fluência intermediário, os Timbira apresentam grandes dificuldades na elaboração de textos que compõem a base do *corpus* deste trabalho. Tais textos estão em forma de redações nos tipos descritivo, narrativo e expositivo-argumentativo, produzidos por alunos indígenas, participantes do X Módulo do Ensino Fundamental da Escola Timbira, realizado pelas Secretarias de Educação do Maranhão e do Tocantins em conjunto com a FUNAI e com o CTI. A partir dos dados, detectamos desvios de norma do português formal em relação aos tempos e aspectos verbais e comparamos tais desvios com a língua indígena L1 a fim de detectarmos interferências da língua indígena na aquisição do português.

Assim, destacamos os seguintes usos na produção das flexões verbais do Português:

Tempo presente:

- (01) Mas quem sabe as crianças que **vem nascendo** eles força esquecer a nossa tradição. Até agora a gente já esquecerão muita cantiga, que os velhos, cantarão a noite no pátio.
- (02) E no presente o meu povo não **trabalha** mas em grupo, cada um **trabalha** para ter alimentação e também **cuida** da família de casa.
- (03) Hoje nós só **corremos** com tora e **praticamos** muito a pintura corporal e **fazemos** ainda a corrida de flecha e **fazemos** ainda arco e flecha **fazemos** alguns colares e algumas saiotas.
- (04) Mas hoje, como **somos** novo, não **são** todos que **sabe** cantar, **são** poucos, mais de 10 pessoas. **Tem** ainda 30 cantores profissionais que **canta**, 2 **canta** de maracá no pátio, 1 **canta** na casa de wyty que **é** rainha.

Tempo futuro:

- (05) Mas eu fico preocupado sempre, porque as vezes daqui a 100 anos pra frente, todos índios **vai virar** branco e não **vai** mais **existir** índio puro.
- (06) E com certeza que **vai acabar** a cultura do índio.
- (07) O povo apinajé sempre estão preservando a cultura nunca **vamos deixa** de ser índio sempre **vamos preserva** a nossa cultura no futuro e **recorda** o passado para os joveis.
- (08) Eu **vou fazer** a redação sobre futuro, no meu pensamento que eu penso no futuro, como eu estou estudando português e matemática, ciencia, geografia, e quando eu **aprender** de todos materias que eu estudo na escola, e depois eu **começa** ganha um emprego na aldeia cachoeira e para defende meu povo. Só isso que estou pensando no meu pensamento de futuro.

Tempo passado:

- (09) A tradição do povo apinajé no passado os mas velhos contam que a cultura **era** mais valorizada, **fasiam** várias festas cultural, festa de caçada, festa de peixe, festa de pintura. etc...
- (10) Antigamente os mais velhos, **cantarão** de manha e a tarde. Porque antigamente as tradição é muito valorizada, que até hoje nós nunca vamos esquecer nossa cultura.
- (11) Bom, antigamente tradições **eram** muito bom, todo mundo **pinta** de urucu pau-de-leite **cortar** cabelo e quais todo mundo **fura** as orelhas, mais ou menos 30 pessoas, e quais todo mundo **canta**.
- (12) Antigamente o meu povo **canta** no patio a noite inteiro para que eles não **esquecer** da cultura tradicional que os mais velhos **ensinavam** para eles, e quando começa a festa tradicional todos **vão** para o pátio.

Nessas redações, percebemos o uso do registro informal do Português, devido ao aprendizado informal da língua pelo contato com os regionais, que ocorre por inúmeras necessidades internas e externas às aldeias. Ainda notamos algumas marcas de oralidade interferindo na escrita como o uso da memória coletiva e marcas de subjetividade (cf. AMADO, 2009).

Passemos agora à análise da flexão verbal nos exemplos citados.

No tempo presente, os exemplos (2), (3) e (4) apresentam flexões no Português formal, ainda que com eventuais problemas de concordância número-pessoal. Assim, o tempo parece ser compreendido, pois os verbos sofreram as flexões que marcam esse tempo. Ainda, no exemplo (1) é perceptível a marca de aspecto durativo na construção *vem nascendo*, o que mostra algum nível de compreensão aspectual por parte dos índios.

No tempo futuro, o futuro simples do Português é geralmente substituído pela forma composta com o verbo auxiliar *ir* no presente do indicativo + o infinitivo do verbo, escolha que parece ser advinda da informalidade na aquisição de L2. Uma observação importante nesse tempo é que, na maioria dos exemplos, podemos detectar advérbios que, juntamente com os verbos, realizam noção temporal (*daqui 100 anos pra frente, nunca, no futuro, que eu penso no futuro, que eu estou pensando no meu pensamento de futuro*).

Com relação ao passado há problemas de aquisição, pois poucos verbos denotam o tempo passado e, nesse caso, sempre se apresentam no aspecto imperfeito do Português. A maioria dos verbos se distribui no tempo presente e no infinitivo. Além do mais, percebemos o uso de advérbios, únicos recursos que mostram que essas construções se referem ao passado (*no passado, antigamente*). Vejamos, a seguir, como podemos analisar essa dificuldade na aquisição do tempo passado e seus aspectos na língua portuguesa.

As construções verbais em Timbira

O Timbira é uma língua posposicional, em que a ordem dos constituintes se manifesta em sujeito-objeto-verbo. A categoria de tempo é definida a partir do passado: sua forma é a não-marcada. Aparentemente, futuro e presente diferem entre si apenas quanto à presença de uma partícula indicadora de futuro (cf. AMADO, 2005b):

- (13) wa **ha** kopət kora
1 FUT ‘guariba’ ‘matar’ ‘eu vou matar o guariba’
- (14) **wa** kopət kora
1 ‘guariba’ ‘matar’ ‘eu mato guariba’

O sistema de marcação pessoal nos verbos é designado também pelos pronomes; há uma distinção entre os pronomes usados para o tempo passado e para os tempos não-passado, além do uso de uma forma longa e de uma forma breve do verbo, respectivamente:

- (15) **ej** - te kopət korən
1 POSP ‘guariba’ ‘matar’ ‘eu matei o guariba’
- (16) **wa** ha kopət kora
1 FUT ‘guariba’ ‘matar’ ‘eu vou matar o guariba’

Há ainda a manifestação da ergatividade: no sistema ergativo, o verbo recebe o prefixo pessoal que identifica o objeto direto e o sujeito intransitivo. O sujeito transitivo é marcado pela posposição **te**, que marca o caso ergativo. Essa ergatividade é denominada de ergatividade cindida, pois ocorre apenas no tempo passado:

- (17) **ej** - te rop popo
1 POSP ‘onça’ ‘ver’ ‘eu vi uma onça’
- (18) **a:** - te rop popo
2 POSP ‘onça’ ‘ver’ ‘você viu uma onça’
- (19) **ko** - te rop popo
3 POSP ‘onça’ ‘ver’ ‘ele viu uma onça’

Nos exemplos apresentados é possível observar que, no caso do Timbira, que é uma língua aglutinante, as marcas de tempo, modo e aspecto sempre aparecem fora da raiz verbal.

A flexão verbal do Português

Na construção verbal do Português, distinguem-se modo e tempo por um morfema cumulativo, que é a desinência modo-temporal (DMT), e número e pessoa, por meio da desinência número-pessoal (DNP), que também é cumulativa.

Os verbos, em português, que é uma língua flexional, podem ser decompostos em Regra de Análise Estrutural (RAE), de acordo com Camara Jr. (2009), em Raiz + Vogal Temática (VT) + Desinência Modo-Temporal (DMT) + Desinência Número-Pessoal (DNP). Em “colocávamos”, por exemplo, podemos visualizar todas as partes que compõem a estrutura verbal: *coloc-* (raiz) + *-a-* (VT) + *-va-* (DMT) + *-mos* (DNP).

A ordem padrão dos constituintes da sentença em Português é: sujeito-verbo-objeto, e há as vogais temáticas (*-a*, *-e*, *-i*) que correspondem a três conjugações: 1ª conjugação

(*andar*); 2ª conjugação (*correr*); 3ª conjugação (*fugir*). Há divisão entre verbos que seguem os parâmetros das conjugações (verbos regulares) e os verbos que não seguem (irregulares). Ainda há na língua a manifestação da concordância redundante com o sujeito da oração.

Contraste entre os sistemas linguísticos

Podemos perceber a diferença entre os sistemas linguísticos Português e Timbira, no tangente à manifestação de tempo, e assim podemos partir da hipótese de que essas diferenças afetam o aprendizado pleno do Português como L2.

O contraste entre as diferentes línguas é de fundamental importância para a compreensão de tais erros, pois, nas variantes Timbira, há o sistema ergativo, a presença de uma partícula para marcar o passado e a distinção de pronomes que acompanham o tempo passado e os não-passado. Tais características se contrapõem ao Português e por isso o aprendiz terá mais dificuldades em adquiri-las, corroborando com a Hipótese da Análise Contrastiva:

We assume that the student who comes in contact with a foreign language will find some features of quite easy and others extremely difficult. Those elements that are similar to his native language will be easy for him and those elements that are different will be difficult. (LADO, 1957, p. 2)

No nível morfológico, sintático ou morfossintático, de acordo com os trabalhos da Análise Contrastiva (LADO, 1957), primeiramente se estabelece a categoria gramatical a ser estudada. Posteriormente, se descreve essa categoria em cada uma das línguas contrastadas, especificando sua forma, significado, distribuição de frequência de uso, ressaltando os possíveis contrastes estruturais de categorias ou funcionais, e finalmente, propõem-se previsões de dificuldades e erros, tomando por base as diferenças entre as estruturas confrontadas.

A interação entre morfologia e sintaxe presente no *corpus*

Os estudos baseados na hipótese lexicalista dos estudos de Chomsky (1965) contemplavam a interdependência entre a sintaxe e a morfologia e clamavam que as regras sintáticas não poderiam ter relações, de nenhum aspecto, com a estrutura interna das palavras. Assim, a morfologia perdeu espaço, nos primeiros anos da gramática gerativa, pois para os pesquisadores, uma palavra poderia ser dividida parte em seu aspecto fonológico e parte na sintaxe. Anderson (1982) questiona-se sobre qual é o lugar da morfologia e é o primeiro a perceber que a morfologia não poderia ser vista como um componente totalmente separado de outros níveis linguísticos:

Elements of morphological structure and of sentence structure are not totally unrelated; some of the properties of individual words are essentially dependent on their position in larger structures, and some principles operating over domains larger than a single word must be able to refer to properties of the words themselves. (ANDERSON, 1982, p. 573)

Consequentemente, Anderson instaura propriedades para a morfologia com o intuito de mostrar a sua interação com a sintaxe. Assim, o papel da sintaxe torna-se importante

para a morfologia, pois o autor demonstra que as regras que operam no domínio da sintaxe precisam ter acesso às propriedades morfológicas das palavras.

Para os estudos das categorias flexionais do verbo, Katamba (1993) retoma a ideia de propriedades e afirma que em muitas línguas o verbo mostra maior complexidade do que qualquer outra classe de palavra. Como propriedades verbais *herdadas*, o autor explora o tempo, o aspecto, o modo e a classe de conjugação; tais propriedades, em maior ou menor nível de realização, são herdadas para o verbo e as línguas manifestam diferentes realizações das mesmas. Com relação às propriedades de *concordância*, os verbos possuem tais marcas que podem indicar propriedades de pessoa, gênero e número e são passíveis de serem realizadas tanto no sujeito quanto no objeto. As propriedades *configuracionais* ocorrem quando uma palavra está relacionada com um contexto sintático específico referindo-se a uma simples oração ou a um nível sintático mais amplo.

Dessa maneira, a relação entre morfologia e sintaxe está presente nas discussões linguísticas e o estudo sobre flexão verbal tende a aprofundar tal discussão.

Katamba (1993) já dizia que a flexão é manifestada de diferentes maneiras nas diferentes línguas e será a cultura que marcará as tais manifestações morfológicas:

What differences in meaning or syntactic function are considered sufficiently important to be expressed by morphological inflection is something that seems to be open to subjective interpretation and to depend on culture. (p. 214)

Uma importante diferença entre os sistemas das línguas apresentadas é que, no Timbira, a marcação de tempo ocorre fora do verbo enquanto no Português são os sufixos flexionais que indicarão o tempo do verbo; assim, podemos dizer que no tempo presente os índios compreenderam a marcação da desinência modo-temporal do Português, pois flexionaram adequadamente os verbos.

No tempo futuro já detectamos o uso da modalidade informal de representação desse tempo (verbo *ir* + infinitivo). Podemos pensar que tal uso se dê pelo aprendizado informal da língua, mas também porque em tal escolha apenas um verbo é modificado (o verbo *ir*) e o outro, que porta a carga semântica, continua em sua forma infinitiva, neutra. Assim esse sistema se aproxima mais da marcação de futuro fora da raiz verbal a qual é comum no Timbira.

Ainda, no exemplo (8), notamos que o falante quis expressar que o que ele dirá está no tempo futuro, e para isso ele utiliza-se de uma construção: *no meu pensamento de futuro*. Consequentemente, mais uma vez o falante se preocupa em mostrar, através de uma estrutura, que o que ele dirá se refere a um momento posterior e não se preocupa com as devidas flexões que manifestam o tempo futuro.

É nos exemplos (10), (11) e (12) que percebemos os maiores problemas de aquisição de tempo em Português L2. Em todas as produções, notamos advérbios como *no passado* ou *antigamente*. Nos exemplos (11) e (12), ocorre apenas uma vez a presença de um verbo flexionado no tempo passado e aspecto imperfeito – *eram* e *ensinavam* – os demais estão flexionados ou no presente ou no infinitivo. Podemos afirmar que tais construções também se deem porque será o marcador temporal (advérbio) que indicará o passado nas orações, então, os aprendizes não se atentam às flexões verbais adequadas. Como consequência, mais uma vez o tempo está marcado fora da raiz verbal e, nesses casos, é necessário analisar toda a sentença para entendermos o contexto tempo-aspectual.

Anderson (1982, 1985, 1988) afirma que existe a noção de “sintaticamente determinado” na flexão e que esta noção é crucial para definição da flexão, ainda, para distinguir a flexão da derivação, o autor utiliza-se do seguinte argumento:

Inflectional morphology deals with whatever information about word-structure that is relevant to the syntax. Inflectional properties of the words are assigned by the syntax and depend on and how a word interacts with other words in a phrase, clause, or sentence. (ANDERSON, 1982, p. 209)

Assim, notamos a interação entre a sintaxe e a morfologia na aquisição do Português (L2) entre os aprendizes Timbira, pois estes tendem a transpor a estrutura de L1 ao expressar-se em L2 e, quando não dominam as regras de L2, se pautam nos constituintes de toda a oração para expressar o tempo verbal desejado.

Conclusão

Nesse trabalho procuramos analisar as dificuldades de aquisição das flexões do Português pelos povos Timbira em redações em que os falantes manifestaram o não domínio dos tempos verbais em produções escritas. Para isso, baseamo-nos na análise contrastiva entre as duas línguas, já que diferenças entre as estruturas linguísticas podem interferir no aprendizado do Português (L2). Como apoio, buscamos discutir as definições morfológicas apresentadas por Anderson (1982) e Katamba (1993), e percebemos que os verbos possuem propriedades importantes em sua manifestação que podem dialogar com outros níveis linguísticos como a sintaxe. Dessa maneira, consideramos a manifestação temporal nas sentenças produzidas por falantes Timbira em Português (L2), notando a interação entre a morfologia e a sintaxe presente nos exemplos de redações que contribuem para o *corpus* desse trabalho.

Apresentamos, ainda, os sistemas morfológicos do verbo no Timbira e no Português e notamos importantes diferenças entre os sistemas linguísticos de uma língua flexional que é o Português e outra aglutinante como o Timbira. Tal contraste foi imprescindível para reconhecermos de que maneira ocorre a interferência de L1 na aquisição de L2.

Como resultado, vimos que a análise das línguas em questão revela diferenças, principalmente, quanto à marcação de tempo, que, no caso do Timbira, ocorre fora do verbo e é auxiliado por partículas, enquanto que no Português são as flexões verbais que indicam o tempo da frase. Consequentemente, o falante não se atenta às regras de flexão verbal do Português, pois tende a manifestar em outros elementos da sentença a noção temporal.

Esses são, assim, elementos dificultadores na aquisição do verbo do Português como L2 entre os povos Timbira e estudos como este são necessários para o pleno aprendizado dessa língua por esses povos, bem como contribuem para os estudos de aquisição do Português como segunda língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F.C. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá*: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. 2004. Tese (Doutoramento em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- AMADO, R. S. Marcas da oralidade timbira na produção de textos escritos em português. In: BRAGGIO, S.L.B.; SOUSA FILHO, S.M. (Orgs.). *Línguas e Culturas Macro-jê*. Goiânia: Editora Vieira, 2009. p. 25-41.
- _____. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos timbira. *Linha D'Água*, São Paulo, n. 17, p. 65-75, 2005a.
- _____. Descrição das formas verbais longas e breves do Pykobjê: uma contribuição para o estudo dos verbos nas línguas Jê. *Revista do GEL*, Araraquara-SP, v. 2, p. 83-105, 2005b.
- ANDERSON, S. Inflection. In: HAMMOND, M. (Org.). *Theoretical Morphology*. Orlando, FL: Academic Press, 1988. p. 23-43.
- _____. Inflectional Morphology. In: SHOPEN, T. (Org.) *Language Typology and Syntactic Fieldwork*. v. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 150-201.
- _____. Where's morphology. *Linguistic Inquiry*, [s.l.], v. 13, p. 571-612, 1982.
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- KATAMBA, F. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.
- LADEIRA, Maria Elisa. *Educação escolar indígena: projetando novos futuros*. Brasília: CTI, 1999. Disponível em: <www.trabalhoindigenista.org.br>. Acesso em: 27 set. 2010.
- LADO, R. *Linguistics across cultures*. Michigan: University of Michigan, Press Ed., 1957.
- NIMUENDAJU, C. A corrida de toras entre os Timbira. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 151-194, 2001.